



Terra, paisagens, lugares

Vladimir Bartalini - FAU-USP - Brasil

bartalini@usp.br

Terra, paisagens e lugares constituem três esferas distintas, com imaginários e realidades próprias, que, no entanto, estão intimamente imbricadas. Terra, paisagens e lugares compartilham as dificuldades, as resistências, ou mesmo as impossibilidades de representação, mas incitam a que se os represente.

Representar é um modo de apreender, ou de situar-se. A importância da representação de algo é a possibilidade de trazê-lo à presença, reelaborá-lo e devolvê-lo, devidamente “deformado”, ao real. São remotíssimos, se não indatáveis, os primeiros ensaios para apreender o mundo em que se vive, para situar-se nele. Nessas tentativas, passa-se facilmente do mais próximo, aderente e familiar, ou seja, os lugares, que podem ser associados a imagens táteis (domínio háptico), àquilo que se distancia gradualmente e escapa para o horizonte, ou seja, a paisagem (domínio óptico), daí para a Terra (quase um conceito desencarnado, até que se a represente) e, da Terra, ao Cosmos.

A imbricação entre Terra, paisagens e lugares faz com que um deslize para o outro na imaginação (que sempre busca cosmicizá-los), e que um apele ao outro nos esforços para sua representação. Nada disso, porém, autoriza a confundi-los, a indiferenciá-los. A começar por paisagens e lugares: para se ter experiência de paisagem, “é necessário tornar-se impassível em relação ao lugar”, diz Lyotard, que assim prossegue:

O lugar é natural, encruzilhada dos reinados e de Homo-sapiens. Minerais, vegetais, animais ordenam-se ao saber, e este último dá-se a eles de forma espontânea. São feitos, selecionados um para o outro. Mas a paisagem significa demasiada presença (Lyotard, 1990, p. 187).

A paisagem é um “lugar indesejado”, é “a partida sem destino” (Lyotard, 1990, p. 184). As paisagens são “confins onde as matérias se oferecem virgens, antes de serem domesticadas, podemos dizer selvagens [...]. Elas “pedem imediatamente a deflagração do espírito [...]. Sem ela não seriam paisagens, seriam lugares” (Lyotard, 1990, p. 185-186). Em outros termos, “o espaço da paisagem é [...] o lugar sem lugares do ser perdido” (Maldiney, 1973, p. 143).

Do mesmo modo, Terra e paisagens mantêm interações e interceptam-se sem que isso tenha significado ou signifique indistinção mas, antes, complementaridade. No ensaio “A Terra como paisagem: Brueghel e a geografia”, Jean-Marc Besse aponta as aproximações entre a representação cartográfica da Terra e a pintura de paisagens desde o século XVI, quando, por força da nova percepção que as grandes navegações motivaram, se “organizou para o olhar a experiência da diversidade das coisas terrestres” (Besse, 2006, p. 23), sem o que a Terra perderia palpabilidade e não seria mais do que um corpo esférico a se deslocar num universo em expansão.

Às imagens da Terra vista do espaço sideral, que há cinquenta anos os olhares freqüentam, somam-se aquelas do espaço sideral visto da Terra, que lhes antecedem não apenas de quatrocentos anos, quando se construíram os primeiros telescópios e lunetas, mas de mais de cinquenta séculos, a contar dos primeiros registros de observação dos astros por parte das civilizações da Antiguidade.

Não podem passar despercebidos os vínculos mantidos, ainda hoje, entre os lugares, as paisagens e a Terra, quer se a considere um ponto visto de fora ou um ponto de onde se avista o fora. A arte e o cinema contemporâneos os comprovam. Se não, vejamos os observatórios astronômicos que, não de agora, conforme observa Gilles Clément em *Une brève Histoire du Jardin* (2012), estão associados a jardins, ou seja, a lugares onde a esteticidade difusa das paisagens se torna esteticidade condensada (Assunto, 1999). Vejamos os *earthworks*, obras de *land art* das últimas décadas do século XX, fortemente comprometidas com uma percepção em escala totalmente distinta da natureza da Terra e da atmosfera terrestre, que tiveram observatórios astronômicos como tema, a exemplo daquelas concebidas por Robert Morris (*Observatory*, 1971), James Turrell (*Roden Crater*, 1974), Charles Ross (*Star Axis*, 1975), Nancy Holt (*Sun Tunnels*, 1976) ou Sylvie Blocher (*Paysage abstrait pour la solitude du touriste*, 1988), como aponta Colette Garraud (1994). Veja-se *Nostalgia da Luz* (2010), documentário de Patrício Guzmán, que liga poeticamente as investigações astronômicas sobre a origem do cosmos à busca concomitante, plenamente situada, localizada no tempo e no espaço, encarnada na paisagem do deserto de Atacama, que um grupo de mulheres empreende pelos restos de pessoas queridas, vítimas dos crimes da ditadura que o Chile sofreu de 1973 a 1990.

É possível, portanto, que ocorram ainda hoje (e nunca deixem de ocorrer) conjunções propícias de espaços e instantes poéticos nas quais lugares, paisagens, Terra e Cosmos fulguem simultaneamente no *miraculum* (de *mirare*, *ad-mirare*, maravilhar-se) da imensidão íntima (Bachelard, 2008) e nos infundam, também simultaneamente, a ousadia e o cuidado.

Referências bibliográficas

ASSUNTO, Rosario. *Ontologia e teleologia del giardino*. Milano: Guerini e Associati, 1999.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CLÉMENT, Gilles. *Une brève histoire du jardin*. Paris: Éditions JC Béhar, 2012.

GARRAUD, Colette. *L'Idée de nature dans l'art contemporain*. Paris, Flammarion, 1994.

LYOTARD, Jean-François. *O inumano. Considerações sobre o tempo*. Trad. Ana Cristina Seabra e Elisabete Alexandre. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

MALDINEY, Henri. *Regard, parole, espace*. Lausanne: L'Âge d'Homme, 1973.

